

## Narrativas autobiográficas e identidades: histórias de letramento de professoras

Luís Filipe Xavier da Silva<sup>1\*</sup> 

Dorotea Frank Kersch<sup>2</sup> 

<sup>1</sup> Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) - Brasil

<sup>2</sup> Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) - Brasil

\*Autor de correspondência: [luis\\_filipe311097@outlook.com](mailto:luis_filipe311097@outlook.com)

### RESUMO

As pessoas ainda se tornam professores e professoras da área de linguagens na sociedade do desempenho (Han, 2017), que tem se mostrado, muitas vezes, hostil à profissão. A pesquisa é qualitativa e interpretativista e, por meio da análise de entrevistas narrativas semiestruturadas previamente gravadas e transcritas, objetiva-se conhecer e descrever as motivações e caminhos que levaram as participantes da pesquisa a escolherem a carreira de professora na área de linguagens, procurando compreender suas trajetórias de letramento e as narrativas autobiográficas que emergiram nas entrevistas. As três professoras participaram, no ano de 2022, de uma formação intitulada “Multiletramentos e Tecnologias Digitais em Sala de Aula”. Em relação às narrativas, apoiamos-nos nos trabalhos de Flannery (2015) e Labov; Waletzky (1967); em relação à formação de professores em Kleiman (2005, 2014), e Kersch (2020); e nos trabalhos sobre identidade e identidade do professor em De Fina (2015) e Klering, Trarbach e Kersch (2023), respectivamente. Analisando as narrativas de três professoras, percebeu-se a repetição de certos padrões em suas histórias, quais sejam, o indivíduo-exemplo, a relação com a área de Letras e o envolvimento emocional com os alunos. Os resultados revelam a complexidade do mundo da educação e seu teor humano, que está intrinsecamente ligado ao desempenho de ambos os lados, educador e educando, contribuindo com o argumento que defende uma educação dialógica e humanizada que liberta os alunos e os professores dos papéis mecânicos perpetrados na cultura educacional ocidental.

#### PALAVRAS CHAVE:

Letramento do professor  
Narrativas  
Identidade  
Autobiografia

**SUBMETIDO:** 20 de junho de 2024 | **ACEITO:** 16 de setembro de 2024 | **PUBLICADO:** 21 de dezembro de 2024  
© fólio - Revista de Letras 2024. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

### Introdução

A docência é um trabalho complexo, constantemente observado pelo prisma da vocação e não pelo que de fato é: profissão. A visão da docência

como vocação colabora com a desvalorização do professor e causa um “descolamento” da identidade de “classe trabalhadora” dos docentes em relação às outras profissões na sociedade. Essa distorção da visão da sociedade sobre a docência já começa a afetar o desenvolvimento da profissão no país. Os primeiros indícios foram apresentados em uma pesquisa de 2020 do instituto SEMESP<sup>1</sup>, que projeta um déficit de professores na educação básica, que pode chegar a 235 mil em 2040.

Torna-se relevante, então, a investigação sobre os aspectos da formação e da atuação dos docentes, procurando entender o que está causando esse cenário de redução de profissionais na área da educação. Por consequência, é igualmente relevante compreender o que leva indivíduos a fazer a escolha de serem professores. O objetivo deste artigo, pois, é conhecer e descrever as motivações e caminhos que levaram as três participantes da pesquisa a escolherem a carreira de professora na área de linguagens, procurando compreender suas trajetórias de letramento e as narrativas autobiográficas que emergiram nas interações com o pesquisador, quando participavam de uma formação intitulada “Multiletramentos e Tecnologias Digitais em Sala de Aula”.

Este trabalho foca na análise das narrativas, ouvindo histórias de letramento e do caminho até a docência de professoras já atuantes, objetivando entender o que forma a sua identidade docente. De Finna (2015, p. 351, tradução nossa<sup>2</sup>) destaca que “narrativa e identidade são, muitas vezes, consideradas como intimamente conectadas. As narrativas são vistas como o principal veículo para expressar a identidade”. Para tanto, o trabalho se baseia na análise de narrativas, por meio da qual podemos extrapolar os episódios e personagens que deram base para a formação da identidade de professora das entrevistadas. Isso é possível porque “quando os contadores de histórias contam uma história, particularmente uma da qual foram participantes, eles estão simultaneamente construindo suas próprias identidades e as de outros no mundo da história e sua identidade no mundo da narrativa” (DE FINNA, 2015, p.359, tradução nossa<sup>3</sup>).

---

1 Disponível em: < <https://www.semesp.org.br/pesquisas/risco-de-apagao-de-professores-no-brasil/> >, acesso em 20.07.2023

2 “Narrative and identity are often regarded as closely connected.”

3 “Indeed, when storytellers tell a story, particularly one in which they were participants, they are simultaneously building their own and others’ identities in the story world and their identity in the storytelling world.”

O texto acha-se dividido em quatro partes. Depois desta introdução, trazemos os aspectos teóricos que fundamentam a pesquisa, relacionados às narrativas e identidade do professor. Em seguida, na metodologia, descrevemos a forma como conduzimos o estudo. Na sequência, analisamos e discutimos os resultados para, por fim, nas considerações finais, além de sintetizar as nossas descobertas, apresentarmos perspectivas de estudos futuros.

### **Narrativas, letramentos e identidade do professor**

Não é possível falar de letramentos e narrativas sem falar de identidades. Quando escrevemos ou contamos nossa história, todos os nossos interesses, valores e crenças são trazidos dentro do nosso texto. Ao falar sobre o que nos constitui professores, sobre o que forja quem somos, construímos a ideia da pessoa que queremos retratar.

O letramento é plural (por isso falaremos em letramentos) e inseparável das práticas; é um processo contínuo que se estende ao longo da vida. Na sociedade contemporânea, a escrita assume uma posição dominante como ação social na academia e desempenha um papel central na construção da identidade individual, pois o letramento também é uma forma de poder. Kleiman (2005, p.21) destaca que

letramento abrange o processo de desenvolvimento e o uso dos sistemas da escrita nas sociedades, ou seja, o desenvolvimento histórico da escrita refletindo outras mudanças sociais e tecnológicas, como a alfabetização universal, a democratização do ensino, o acesso a fontes aparentemente ilimitadas de papel, o surgimento da Internet.

No caso do profissional docente, os letramentos são uma via de mão dupla. Ele é um agente de letramento (KLEIMAN, 2007), mas também é um indivíduo em constante apropriação de diferentes letramentos presentes no contexto de sua vida como professor. A formação inicial, bem como a formação continuada de professores, passou por revisões e mudanças constantes no passar dos anos, e atualmente se acredita em uma formação intelectual e reflexiva do professor que deve saber mais da sua área do que somente o conteúdo restrito a sua forma puramente técnica.

Um aspecto que entendemos seja central na formação de professores e professoras é dar-lhes a oportunidade para que reflitam sobre sua prática e conectem o que estão aprendendo com a sua história. Contar a sua história,

portanto, faz parte da pedagogia (KERSCH, LESLEY, 2019). Nessa perspectiva de trabalho, a aprendizagem não é individual, mas sempre social (WENGER, 2001), como uma grande experiência que acontece na interação uns com os outros.

O ato de ensinar já constitui um exercício de aprendizagem profissional, que se transforma e se estabiliza em função do contexto; do mesmo modo, o processo de letramento do professor é constante. Temóteo (2019, p.67) afirma que

O trabalho do professor é essencialmente promover a aprendizagem do aluno e isso requer um movimento contínuo de reflexão, visto que ele deve elaborar estratégias eficazes para atingir esse objetivo. Portanto, preparar-se para isso, por meio do estudo, é condição *sine qua non* para desenvolver um trabalho satisfatório. Assim, há uma expectativa de que essa preparação leve o professor a rever seu próprio modo de aprender e de construir a experiência docente.

A tarefa de se ressignificar e se reinventar, todavia, não é fácil. Como acreditamos que isso ocorre depois de um longo percurso de idas e vindas, construções e reconstruções, significações e ressignificações, a formação continuada pode ter um papel fundamental nessa ressignificação do professor e na construção de novas identidades. Quando o professor é conectado a novos letramentos, ou apresentado a novas ferramentas digitais, ele pode, por meio da reflexão, ser levado à ressignificação do seu fazer e a conhecimentos não comuns à sua área.

As narrativas autobiográficas, que apresentam a experiência de vida dos narradores de forma a possibilitar a compreensão das histórias que contam (FLANNERY, 2015), são uma ferramenta que possibilita a organização cronológica dos eventos de letramento que construíram a identidade docente das professoras entrevistadas, passando por aspectos pessoais e de contato com o mundo em situações sociais.

É importante compreender também como o processo de formação do indivíduo é afetado pelo ambiente social em que se está inserido. Aprendemos para nós mesmos, mas também para os outros e para o Estado, com a contrapartida de aprendermos, no sentido lato, com o suporte de um educador. Além disso “nenhuma escolha que fazemos é neutra, assim como nenhum letramento o é. Tudo o que fazemos em sala de aula implica o tipo de pessoa que contribuimos para formar” (KLERING, THARBACH, KERSCH, 2023, p.24).

Posteriormente, quando formos analisar as narrativas das professoras entrevistadas, será possível perceber o quanto a escola e os/as professores/as que passaram por suas vidas moldaram suas identidades e as levaram à escolha da docência. Formamo-nos no ensino básico e no superior com o objetivo de atuar como cidadãos ativos, objetivo que nos é imposto pela comunidade que exige que saibamos ler e escrever em gradativos níveis de dificuldade atuando na sociedade a partir de textos (negociando nossos objetivos nos diferentes contextos), assim como compreender e (re)produzir diferentes semioses nas situações de comunicação disponíveis na sociedade. Cada evento de letramento<sup>4</sup> de que participamos contribui para nos posicionar nas narrativas que contamos, assim como para nossa formação pessoal.

Por meio de narrativas autobiográficas, podemos compreender como as identidades vão se forjando. Flannery (2015, p.40) define a narrativa autobiográfica como um “relato que auxilia na definição da identidade dos narradores, oferecendo uma versão coerente sobre por que e como eles se encontram nas posições atuais”. Isso nos leva, por exemplo, ao entendimento de como escolhemos nossos cônjuges, *hobbies* ou como nos tornamos professores/as. Esse entendimento é construído pelo enredo da narrativa e pelas avaliações que o narrador deixa emergir sobre os personagens, os acontecimentos e sobre si mesmo, quando expõe a razão de a história ser contada.

A avaliação presente nas narrativas, para Flannery (2015, p. 41), “pode indicar que algo extraordinário aconteceu com o narrador, destacando uma qualidade sua”; é também uma das partes mais importantes da estrutura narrativa, pois é como apreendemos os significados que o narrador dá às suas experiências e justifica turnos de fala mais longos na interação contribuindo “para que se evite a pergunta ‘e daí?’ ao final de um relato” (FLANNERY, 2015, p.23).

Labov e Waletzky (1967) dividem a avaliação em dois tipos: externa e interna. A externa emerge em comentários explícitos do narrador, avaliando personagens ou acontecimentos, enquanto a interna se dá no mundo da narrativa, de maneira implícita, em falas de personagens, consequências de

---

<sup>4</sup> Eventos de letramento são ocasiões em que indivíduos que possuem diferentes saberes os mobilizam em prol de uma interação entre objetivos comuns e individuais. Sempre são organizados ao redor de textos escritos pautados por diretrizes específicas da instituição onde eles ocorrem (KLEIMAN, 2005).

eventos e atos, observações etc. As avaliações medem a relevância dos eventos narrados e exprimem sua significância para o narrador e, assim como podemos perceber pistas de posicionamento dos personagens no discurso, podemos identificar as avaliações pelas escolhas lexicais e contextualizações do narrador.

Outro elemento da estrutura narrativa – os posicionamentos no discurso – são, por um lado, a expressão do *self* do narrador, que busca ser visto de alguma forma específica, cumprindo um papel que deseja mostrar para os ouvintes. Bamberg (2002) destaca que,

normalmente, descrevemos esses personagens em palavras e atributos, de modo que eles ganham contornos físicos, emocionais e motivacionais antes de lhes atribuirmos ações [...] criamos linguisticamente esses personagens e suas posições como sendo ordenados no tempo e no espaço, e ordenamos suas relações umas diante das outras como algo que se desenvolve, permanece estável, ou se deteriora ao longo do tempo e do espaço (BAMBERG, 2002, p.156).

De fato, quando observamos uma narrativa, somos confrontados com uma configuração específica da identidade do indivíduo, adaptada ao contexto, ou seja, a identidade de professora das entrevistadas divide espaço com sua identidade de mãe, de filha, de cidadã etc. Quando iniciamos uma contação de histórias, nos posicionamos de acordo com o que queremos expor das nossas identidades relacionadas aos temas narrados e negociamos nossas identidades situacionais (ZIMMERMAN, 1998, apud DE FINNA, 2015) para que nos definamos como professores/as, diretores/as, alunos/as, assim por diante. Além de serem plurais (também no sentido de um indivíduo possuir mais de um tipo de identidade) e de se manifestarem de diferentes formas, as identidades podem pertencer a diversos contextos e podem ser analisadas em termos pessoais ou coletivos, pois “as pessoas podem afirmar que são tipos específicos de pessoas e/ou podem reivindicar participação em certas categorias às quais outros também pertencem” (DE FINNA, 2015, p. 359, tradução nossa<sup>5</sup>).

Nas narrativas autobiográficas, podemos assumir que fomos influenciados para chegar aonde chegamos ou atribuir-nos a agência total dos eventos e escolhas. Com isso, observamos que a narrativa “supre um ‘retrato sociolinguístico’, ou ‘uma lente linguística’ através da qual percebemos traços

---

<sup>5</sup> “people may claim that they are specific kinds of persons, and/or they may claim membership in certain categories to which others belong as well”

da identidade cultural, mas também do gênero, dos papéis sociais e das intenções locais daqueles que animam e atuam nas histórias enquanto autores ou figuras” (GOFFMAN, 1981 apud FLANNERY, 2015, p.35). Nos casos em que assumimos a influência de terceiros na formação de uma característica identitária, geralmente, eles emergem como personagens importantes na narrativa, sendo avaliados, na maioria das vezes, externamente, evidenciando, explicitamente, por comentários e pelas escolhas lexicais, a importância desse personagem na vida do narrador e no mundo da história.

Se somos o resultado de nossas experiências e dos encontros que tivemos ao longo de nossas vidas (Ivanič, 1998; KLERING, THARBACH, KERSCH, 2023), ouvir as professoras relatando suas trajetórias de letramento, de fato, nos ajuda a compreender como e por que se tornaram professoras. Na sequência, apresentamos a forma como geramos os dados e os padrões que se verificaram na análise das narrativas, a partir dos quais se fará a análise e discussão dos resultados.

## **Metodologia**

Esta pesquisa é qualitativa e interpretativista. Nosso objetivo é compreender as trajetórias de letramento e descrever as motivações e caminhos que levaram as três participantes a serem professoras. Para essa finalidade, fizemos entrevistas semiestruturadas com Maria, Nara e Rita<sup>6</sup>. Essas três professoras participavam, no momento da geração de dados, de uma formação continuada intitulada “Multiletramentos e Tecnologias Digitais em Sala de Aula”, oferecida em função da parceria da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, com a Secretaria Municipal de Educação - SMED, de São Leopoldo-RS, para auxiliar a Secretaria na inclusão digital da comunidade acadêmica no período pós-pandêmico em função da COVID-19.

Em função dos impactos nas formas de ensinar e aprender durante o período pandêmico, a SMED, para a volta ao presencial, equipou as salas de aula com telas interativas e adquiriu Chromebooks para os alunos e professores usarem durante as aulas (por agendamento), com um número suficiente para cada aluno ter o seu Chromebook. Das 12 professoras que participaram da formação, para contarem suas histórias, foram escolhidas

---

<sup>6</sup> Os nomes são fictícios para preservar a identidade das professoras.

Maria, Nara e Rita, em função de seus perfis. Elas representavam diferentes estágios da vida de um/a professor/a.

Maria, que estava no meio de sua carreira, foi entrevistada presencialmente, escolheu o espaço da escola, onde encontrou um lugar que a deixasse confortável com o pesquisador. No momento da entrevista, ela atuava como professora do ensino fundamental II. Tem formação no magistério e, posteriormente, graduou-se em Letras, com ênfase em português. Como veremos nas análises, Maria construiu seu percurso escolar sem apoio da mãe, que trabalhava na indústria e dizia não ter tempo para ajudar a filha nas tarefas escolares. Maria passou por diversas dificuldades de aprendizagem no início da sua vida na escola.

Nara, por sua vez, cresceu no interior, sendo filha de agricultores, que incentivaram a filha desde pequena a ler e estudar. Isso motivou Nara a focar no mundo dos livros e, posteriormente, a levou à docência. Sua entrevista foi feita remotamente via Microsoft Teams, já que sua agenda escolar estava cheia. Ela estava no início de sua carreira, atuava como professora do fundamental II e permanecia em um percurso de formação continuada desde o início de sua carreira.

Por fim, Rita, já aposentada, mas continuando em ação, foi entrevistada presencialmente na sala de aula e cedeu um período livre antes da sua próxima turma. Foi bastante solícita com o pesquisador, e foi a professora que mais falou livremente. Ela nasceu em uma família com boas condições financeiras, residente em São Paulo e posteriormente veio morar em Porto Alegre. Sua mãe era professora e seu pai trabalhava com relações exteriores, usando língua estrangeira com bastante frequência em casa. Por conta desse ambiente, Rita desenvolveu suas habilidades com leitura e escrita muito cedo e com bastante facilidade, o que lhe abriu um leque de opções de profissões que ela poderia escolher.

As interações com o pesquisador durante as entrevistas propiciaram que as narrativas autobiográficas emergissem de maneira produtiva. Na análise das trajetórias de letramento, o elemento principal de observação foi a história em si, ou seja, o enredo que culminou na escolha da profissão docente. Embora os elementos mais subjetivos, como escolhas lexicais e demais psiquismos ao redor dos conceitos da formação de identidades, tenham recebido atenção, assumimos um campo de visão macro, flutuando entre



considerações mais diretas sobre o percurso da narrativa das professoras e algumas observações relacionadas aos elementos linguísticos.

Os dados revelaram três padrões que emergiram nas entrevistas e foram destacados das narrativas e podem ser considerados os fragmentos formadores da identidade docente das entrevistadas:

- a) *Indivíduo-exemplo*: Esse aspecto está relacionado a personagem(ns) que emergem na história com certa força narrativa, sendo nomeado(s) e retomado(s) em diferentes partes do enredo, avaliado(s) interna ou externamente como alguém inspirador e tendo uma posição mais agentiva na narrativa do que outros personagens mais fugazes.
- b) *História com as letras*: Aqui discutimos a história de letramento das professoras, guiados pelo fio condutor do contato delas com a leitura literária. As três mostraram uma grande disposição para a leitura e contaram com bastante entusiasmo suas histórias com livros e sagas que acompanharam seu crescimento desde crianças até os dias atuais. Observando os episódios narrados, percebe-se a força educadora e transformadora da leitura, que trouxe conforto e confiança para as então jovens futuras professoras.
- c) *Envolvimento emocional*: Por fim, foi perceptível, nas leituras das transcrições das entrevistas, um grau de envolvimento emocional das professoras com seus alunos em certos episódios da sua história como docentes atuantes na rede. Esse aspecto trata do fator humano fortemente presente na profissão, uma conexão mental e emocional necessária para a relação professor-aluno, mas algo que pode ser ansiogênico, dependendo do contexto. Esse fator humano é, frequentemente, retirado do seu lugar como um desafio da profissão e colocado como componente da “vocação de professor” dos profissionais docentes e, por conta disso, é importante ser evidenciado e observado levando em conta o tema da saúde mental dos professores e das relações sociais com colegas e alunos.

Cada um desses padrões representa uma parte importante da identidade docente das professoras, sendo, respectivamente, as inspirações e moldes que criaram a imagem do que é ser professor para as entrevistadas; o percurso guiado pelas práticas letradas da vida das entrevistadas; e, por fim, os

acontecimentos marcantes já como professoras, fechando as narrativas em uma lógica progressiva de como tiveram a ideia de se tornarem educadoras, que caminhos tomaram para concretizar essa ideia e o que encontraram no mundo depois de se tornarem finalmente profissionais da educação. Isso posto, vamos à análise e discussão dos dados.

### **Análise e discussão dos dados**

A seguir, analisamos recortes das três entrevistas. A análise da conversa está sempre sujeita à influência do contexto, por isso é importante compreender que o que veremos a seguir é um recorte discursivo de conversas que tentaram se aproximar ao máximo dos eventos de fala do cotidiano. A análise da entrevista com cada uma das participantes será dividida nos aspectos que compõem suas identidades mencionados anteriormente: indivíduo-exemplo, história com as Letras e envolvimento emocional com a profissão.

## 1. A história de Maria

Figura 1 – Indivíduo-exemplo de Maria

15	Maria	[né sabe como é que é vai fazer as coisas ali e::
16		Eu tinha até uma tia ham inclusive depois ela foi
17		Professora que era a irmã mais nova dela que de
18		Certa forma ali meio que me ajudava sabe por pra eu
19		Não fi ficar tão desorientada mas mesmo assim né
74	Maria	[ não sei se porque ela disse que que eu ia amar
75		Mas eu amei o livro então assim ó aquilo ali foi
76		O divisor de águas... na questão assim de a eu acho
77		Que eu gosto dessa disciplina gosto de estudar
94	Maria	[exatamente não interessante isso...não e outra
95		Coisa que eu imito ela inclusive até hoje
96	Gilberto	Aham
97	Maria	Que ela pra cada redação que nós fazíamos ela
98		Levava os cadernos pra casa dela corrigir e ela
99		Botava um bilhete ela escrevia:: alguma coisa
105	Maria	Pra ver o que que será que ela achou da minha
106		Redação porque daí essa mesma tia que me ajudava la
107		Ela gostava muito de ler ela lia lia lia... e
108		Aquilo eu também achava bonito daí comecei imitar
109		Também
110	Gilberto	Uhum
267	Maria	[ de novo volto pra questão da minha tia ali que
268		Essa tia serv foi um exemplo né
269	Gilberto	Aham...
270	Maria	Porque assim ó foi a única que estudou da família
271		...né então pra mim assim ela foi o exemplo...
272		Sempre ai depois no fim ela nem ahm:: ela trabalhou
273		Lecionou mas ahm:: ela foi fazer psicologia enfim
274		Ela era meu assim ó meu exemplo e:: eu achava
275		Muito inteligente então queria ser inteligente que
276		Nem ela ai o que que acontece ela foi fazer
277		Magistério ela fez o magistério ela já tava

Fonte: Elaborado pelos autores.

### 1.1 Indivíduo-exemplo:

Maria faz emergir a memória de sua tia que era professora e principal suporte para sua formação inicial. Das linhas 16-19, ela conta essa pequena história e faz uma avaliação do relacionamento que tinha com o ensino nesse ponto da sua biografia.

Ela apresenta o primeiro indivíduo-exemplo que a levou a conhecer a profissão de perto. A tia era quem dava a atenção que os pais não davam ao ensino e propiciou um ambiente de incentivo, mesmo que pequeno, para Maria em seus primeiros contatos com o mundo da alfabetização e dos letramentos.

Maria teve contato com uma professora que a inspirou e trata as práticas daquela professora como um “divisor de águas” (linhas 75-76) na questão de seu gosto pelo estudo e pela disciplina em si. De certa forma, esse evento inaugurou, em sua biografia, o caminho para o professorado. Pode-se observar que um movimento singelo de uma professora do ensino fundamental foi

crucial para a formação da identidade de Maria como aluna e serviu como exemplo e inspiração para a Maria professora até hoje. Além disso, essa memória também ajudou a fortalecer a identidade de professora que se formava em Maria.

Ela enfatiza o cuidado que a professora tinha com o material e com o *feedback* que dava para os alunos (linhas 97-106). A forma como a professora Sandra Lúcia trabalhava em sala de aula foi o molde inicial para o desenvolvimento de Maria como profissional da área. Ela volta a isso algumas vezes, dizendo que até hoje imita a professora e fala de atividades parecidas com as de Sandra, por exemplo, o caderno de redação. Observa-se aqui como “as identidades negociadas nos eventos de contação de histórias estão intimamente relacionadas aos direitos, obrigações e tarefas particulares que são indexadas por atividades sociais específicas” (De Fina, 2015, p.360, tradução nossa<sup>7</sup>), por isso o olhar atento aos dados nos leva a crer que, ao menos no início, Maria teve a imagem da “profissão professora” definida por Sandra.

Nesse ponto da narrativa, os dois indivíduos-exemplos de Maria se encontram na história: como sua tia gostava de ler, algo que a narradora achava bonito, e como sua professora incentivava a leitura e a escrita dando retornos e, principalmente, atenção às produções dos alunos, Maria passou a imitar os hábitos de leitura da tia para poder produzir melhores textos, os quais seriam posteriormente donos da atenção da professora. Temos isso no intervalo entre as linhas 106-109. Logo depois, atribui, mais uma vez, à sua professora o fato de ter interesse pela área que estuda e leciona até hoje.

Da linha 267 até 277, Maria avalia externamente sua tia como um indivíduo-exemplo, explicitamente na linha 271 e desenvolvendo um comentário sobre ela no intervalo entre a 274 e 277.

---

<sup>7</sup> “the identities negotiated within storytelling events are closely related to the rights, obligations, and particular tasks that are indexed by specific social activities.”

## 1.2 História com as Letras:

Figura 2 – História de letramento de Maria

08	Maria	[não trabalhavam não foi assim ó inclusive no
09		Primeiro ano primeira série na época né
10	Gilberto	Aham
11	Maria	Eu reprovei justamente por não saber ler... eu não
12		Tinha ajuda em casa né minha mãe trabalhava numa
13		Indústria e...chegava cansada em casa imagina
14	Gilberto	[sei como é que é
27		... olha só eu lembro da minha primeira série que
28		Era uma dificuldade ahm leitura escrita não tinha
29		Livros nem na escola porque nós não tínhamos nem
30		Biblioteca era uma escola tão assim... precária
55		Despertar assim já já começou me despertar uma
56		Coisa assim de que a:: eu to achando interessante
57		Agora porque nós tínhamos o caderninho de redação
58	Gilberto	Uhuh
59	Maria	E nós escreviamos redações e aquilo ali eu achava
60		Muito interessante inclusive ela nos deu um
61		Presente foi um livro ela deu um livro pra cada um
62		Dos alunos que eu achei lindo aquela atitude dela
113	Maria	Bem vagabundinho e aqueles romance bem... mas é
114		Era é era o que eu tinha acesso era o que ela lia
115		Era o que eu tinha acesso e com comecei ler ali
116		Junto com ela ali comecei a ((risadas)) ai eu
117		Pegava e botava nos meus textos as minhas redações
118		Eu colocava as partes que eu achava mais bonitas
119		Mais interessantes mais românticas
120	Gilberto	Aham
121	Maria	Eu às vezes conseguia botar nas minhas redações
140		E incluindo o médio depois do médio eu fui fazer
141		Magistério daí eu já fui focar mais em:: dar aula
142		Pros menores né
357		Comecei a botar na cabeça que eu tinha que dar aula
358		que eu tinha que eu não podia assim:: ficar muito
359		Tempo fora de sala de aula né tinha me formado lá
360		Sei lá mil novecentos e noventa e quatro noventa e
361		Cinco e ai eu pensei não vou ter que pegar um
362		Contrato de emergencial do estado vou fazer isso
363		Vou pegar um contato pra ir pra sala de aula pra
364		Ter:: experiência né pra começar a lecionar foi
365		O que eu fiz... ai fui a daí fui daí to até hoje ai
397	Maria	O português ali a a interpretação leitura de texto
398		Ai era texto e eu lia texto com eles a daí eu
399		Pensei é ai tá não gosto de número... gosto de
400		Leitura gosto de gostei de trabalhar ali interpreta
401		A é isso ai... é isso ai que eu vou fazer... ai
402		Depois de um tempo eu consegui mesmo ham não
403		Fazendo faculdade de letras eu consegui:: entrar
404		Pra língua portuguesa pedi pra diretora que queria
405		Trabalhar português
406	Gilberto	[ali basicamente só...
407	Maria	[só a língua portuguesa... ai eu comecei trabalhar
408		Com língua portuguesa com a condição né que bom que
409		Ela deu essa condição... não tu tem que fa começar
410		A iniciar:: a graduação né sim pretendo iniciar
411		Ai mais tarde eu iniciei ali depois de uns dois

Fonte: Elaborado pelos autores.

Sua história de letramento começa com três dificuldades: a falta de atenção dos pais à educação dela (linhas 11-13), a frustração com a reprovação no primeiro ano (linha 11) e a escola precária (linhas 28-30) que frequentava. Essas dificuldades são, em certa medida, comuns em determinados contextos familiares e sociais.

A reprovação foi resultado das dificuldades que Maria trouxe no início da conversa. Ela se posiciona como alguém que foi lesada pela falta de cuidado dos pais com sua educação. Mais adiante, ela repete essa questão, falando que sua mãe nunca havia olhado seu caderno. Esse evento marcante como aluna se reflete de forma subjetiva no decorrer da narrativa numa insegurança que, felizmente, trouxe a vontade de, nas palavras dela, uma eterna busca que a motiva a aprender e se atualizar como professora, mas que também a fez pensar durante algum tempo que não era essa profissão que ela deveria ter seguido.

Das linhas 55-57, Maria conta sobre o segundo indivíduo-exemplo que a inspirou e aguçou novamente o interesse pela escola. A professora que a deixou “animadinha” novamente foi quem também despertou o seu gosto pelo mundo da leitura e escrita. A ação de dar um livro e de manter um caderno de redação parece ter feito com que Maria se orientasse na disciplina e passasse a gostar dela. Das linhas 59-64, ela avalia as práticas dessa professora como interessantes e lindas e conta, posteriormente, como “imita” até hoje algumas dessas práticas.

No decorrer da narrativa, Maria explica sobre sua formação no magistério e conta que, logo após a sua formação, foi trabalhar no escritório de contabilidade de um parente. A partir da linha 357 até a 365, ela explica a ação complicadora que a moveu de volta à sala de aula. Ela avança na história e conta como se consolidou como professora e está “até hoje aí”.

Depois de ter atuado como profissional do magistério, Maria cita mais uma influência que confirmou sua decisão sobre a área em que iria atuar (linhas 387-402). Como sua cunhada não recebeu um papel de maior peso ou turnos muito longos na narrativa, não trataremos essa passagem como suporte para aparição de um terceiro indivíduo-exemplo. De fato, para que se possa classificar um personagem como indivíduo-exemplo, o narrador precisa depositar mais energia nele do que podemos ver no intervalo das linhas 389-394. Pode-se observar também uma sutil retomada desse personagem em diferentes momentos. Da linha 408 até a 412, ela conta sobre iniciar a faculdade de Letras. A trajetória de letramento da professora vai revelando como a leitura e a escrita impactam toda a nossa vida, não somente a escolar (Kleiman, 2005), contribuindo, inclusive para a escolha profissional.

Figura 3 – Envolvimento emocional de Maria (B)

807		Desabafar:: porque assim ó eu me senti á vontade
808		De contar minha história pra vocês eu gostaria que
809		Vocês tivessem essa confiança em mim aí (SI)
810	Gilberto	Sim
811	Maria	Ai:: ah eles vieram bem queridos vieram me abraçar
812		Ai sora que não sei o que ta daí essa esse momento
813		...((chora de emoção)) ai desculpa...
814	Gilberto	Ah:: eu eu consigo entender porque tipo parando pra
815		Pensar tu se botou em risco de tipo ouvir umas
816		Coisas talvez que tu não gostasse assim ou sei lá
817		Umas opiniões assim que tu ficasse meio pa e::
818		E deu muito certo né
819	Maria	((risadas e choro)) foi muito certo sabe (SI)
820		Aquela aula deu muito certo e tu nunca imaginou
821	Gilberto	Uhum
822	Maria	[que aquilo ali ia tocar eles porque eu pensei
823		Assim aí eles não vão ligar imagina...né eles não
824		Vão
853	Maria	[não foi habilidade da escrita não... ele não
854		Conseguiu pela história dele
855	Gilberto	A ele não conseguiu expressar de <u>tão</u>
856	Maria	Não ele não tinha ele disse assim não ele até disse
857		Pra mim aí eu vou escrever daí eu disse aí tu vai
858		Escrever porque ele daí ele veio me abraçar daí eu
859		Disse aí tu também vai escrever daí ele disse assim
860		Porque eu sabia um pouquinho:: né da história dele
861		Daí ele disse assim sora eu vou tentar...não sei se
862		Vou conseguir aí ele ele foi o único que não
863		Entregou e aí eu não...pedi

Fonte: Elaborado pelos autores.

Da linha 807 até a 809, Maria conta sobre uma atividade de produção escrita na qual os alunos deveriam produzir uma autobiografia. Em trechos anteriores, ela conta como essa proposta desagradou aos alunos e como eles foram avessos à exposição da vida pessoal. A narradora, então, resolve se aproximar dos alunos e expõe a própria autobiografia para deixar os alunos confortáveis (linhas 808-809). Em um primeiro momento, ela apenas apresenta o texto sem dizer que é seu e recebe comentários dizendo que a história é muito triste. Depois, ela revela que a história é sua e pede que os alunos se envolvam no projeto da mesma forma que ela havia se envolvido.

A atividade docente exige envolvimento emocional com os alunos, mas não se observa com minúcias as implicações boas e ruins que isso pode causar. São pouquíssimas profissões que exigem um engajamento emocional desse tipo. Observando de maneira mais racional, podemos dizer que ela expôs sua vida pessoal para um grupo de pessoas com as quais ela não teria intimidade para tal, mas que, ao menos, reagiu positivamente.

Os alunos responderam bem à atitude de Maria e se engajaram no projeto de forma genuína. Nóvoa (2022, p. 80) destaca que “as profissões do humano lidam com a incerteza e a imprevisibilidade”, então, pode-se dizer que

foi sorte de Maria os alunos terem tido essa atitude. Da linha 811 à 813, ela fala sobre a reação positiva dos alunos e acaba chorando de emoção com a lembrança desse episódio. Novamente podemos observar uma pista dessa invasão da sala de aula no emocional do professor, que lembra da atividade por esse viés emocional e não pela visão racional do sucesso da atividade como prática pedagógica.

Por fim, no intervalo das linhas 853-863, ela prossegue contando sobre o desenvolvimento da atividade e fala sobre um aluno que não conseguiu entregar o texto por ter uma história de vida muito difícil, e ele julgava que seria desconfortável expor para a turma. Ela se mostrou compreensiva por conhecer essa história. Também é um detalhe interessante como o afeto e contato físico com os alunos é presente na sala de aula (linhas 857- 863), algo que quebra mais uma parede entre profissionalismo e personalidade e contribui para a criação dessa “intimidade virtual” que se estabelece turma por turma, ano após ano.

## 2. A história de Nara

Figura 4 – Indivíduo-exemplo de Nara

35		Tanto vô tanto tia e eu tinha uma tia que era
36		Professora também... tinha não tenho
37	Gilberto	Uhum
38	Nara	E:: então eu me inspirava não não me inspirava mas
39		Eu gostava da ideia de ser professora... e eu
259		Momento ali pelo:: sétimo ano sétima série na
260		Época né... que:: eu tinha uma <u>professora</u> e eu eu
261		Lembro dela assim ela foi meu ponto referência pra
262		Língua portuguesa... de:: língua portuguesa e ela
263		Me dizi ela dizia Nara tu é tão boa em let em
264		Português <u>segue</u> isso segue isso tu tu ter sucesso
265		Tu vai gostar tu <u>gosta</u> tu não tem é o que tu gosta
266		Tu tem que fazer e aí eu comecei a pensar é
267		Realmente se eu for professora que eu quero ser
268		Professora né tem que ser das letras e só que eu
278		Ou:: espanhol enfim <u>aí chegou o ensino médio...</u>
279		<u>Conheci a professora Nara Luiza professora de</u>
280		<u>Literatura... eu me vi nela... eu me vi nela</u>
281		<u>Eu não consegui eu olhava pra ela eu dizia sou eu</u>
282		<u>Daqui a sei lá dez anos é eu ali sabe o jeito o a</u>
283		<u>Tudo</u>
284	Gilberto	[aque(SI)
285	Nara	[ahn?
286	Gilberto	[aquele totem na tua frente assim é isso essa (SI)
287	Nara	[ <u>é isso que eu quero é isso que eu vou ser é ela</u>
288		E:: eu nunca vou me esquecer da profe Nara Luiza
289		Sempre quando eu encontro ela eu digo profe foi
290		Você que me mostrou o caminho para literatura
291		((risos))

Fonte: Elaborado pelos autores.



## 2.1 *Indivíduo-exemplo:*

Aqui começamos a análise da entrevista de outra professora com um trecho que, logo no início da narrativa, evidencia o primeiro indivíduo-exemplo da vida de Nara, ainda que com menos peso do que o próximo (linhas 35-39). Percebe-se que ela fala sobre a influência da tia, primeiramente, usando a palavra “inspirava” e depois se corrige para atribuir uma posição mais agentiva frente a essa escolha futura de ser professora, dizendo que já “gostava da ideia”.

Temos também o segundo indivíduo-exemplo, que foi decisivo na vida de Nara. Apesar de a Tia ter sido uma influência primária para ela, quem a guiou para a área das Letras foi sua professora do ensino médio, Nara Luíza (linha 279). No intervalo entre as linhas 259 a 271, ela discorre um pouco mais sobre seu gosto pela leitura e pelo mundo da educação, também reforça o argumento de que sempre quis ser professora e cita a influência e contribuição de uma professora do fim do ensino fundamental na escolha da área específica a que Nara se dedica até hoje. Novamente podemos observar que uma ação singela de uma professora com uma aluna foi transformadora para Nara, que se sentiu orientada e incentivada ao ouvir “tu é boa” e “segue isso”. O indivíduo-exemplo, de fato, nesse recorte, aparece entre as linhas 276 e 292, em que Nara Luíza emerge pela primeira vez na narrativa. Ela vem carregada de expressões fortes como “eu me vi nela”(linha 280) ou “eu nunca vou me esquecer” (linha 288), o que mostra o peso que a influência de Luíza teve na vida acadêmica de Nara até hoje, como podemos ver quando essa ideia é reforçada nas linhas 287 e 290 e quando Nara retoma a influência de Luíza em algumas partes da entrevista, por exemplo, nas linhas 297, 302 e 466 na transcrição completa que, por conta da extensão, não trouxemos para o artigo.

## 2.2 História com as letras:

Figura 5 – História de letramento de Nara

32		Ele era agricultor e daí eles assim não tiveram
33		muito estudo... mas eles sempre me incentivaram
34		Desde pequena tanto um quanto o pai quanto mãe
41		Com a leitura que foi ali pelos... cinco seis anos
42		Mais ou menos... eu sempre gostei muito muito muito
43		De ler ahm... até eu era uma criança... eu eu
44		Eu sou comunicativa converso bastante mas eu era
45		Um pouco mais reclusa eu gostava mais de ficar
46		Sozinha lendo
47	Gilberto	Sim
48	Nara	[ do que ficar no pátio correndo
56		Até eu tinha meus primos todos menores ou a mesma
57		Faixa etária eu não sabia ler ainda eu não sabia
58		Escrever e nós brincávamos né eu lembro que lá no
59		Interior tinha as vaca de leite tinha os coxo sabe?
60	Gilberto	Aham
61	Nara	E daí:: a gente entrava dentro e era um do ladinho
62		Do outro e na frente eu ficava na frente como se
63		Eu fosse a professora e eu dava aulinha pra eles
79		As vezes eu ajudava os colegas... às vezes tinha
80		Essa... mas era toda era sagrado todo intervalo
81		Dentro da biblioteca... a a bibliotecária até ela
82		dizia Nara vai brincar vai vai se divertir((risos))
83		Vai...
350		Quando eu fiz um ano de faculdade no primeiro ano
351		De de letras eu já consegui me pas ahm emprego
352		Na faculdade...porque eu sou metida eu digo sempre
353		Eu sou metida onde der eu to me enfiando aí eu fui
354		Consegui e da fui fui aprendendo e a não vou fazer
355		O ENEM vou tentar o PROUNI... aí fiz e:: ganhei
356		A bolsa cem por cento primeiro lugar... pra::
357		Letras português literatura aí eu disse não
358		Alí ó é Deus me dizendo que ta tô no lugar certo
359		((risadas))
360		Aí consegui tudo paguei aquele ano (difícil) que eu
361		Tinha feito e tamo aí...aí fui seguindo né e::
362		Sempre depois quando eu comecei letras e literatura
363		Ou português e literatura não tive mais dúvidas
364		Era ali que eu queria tar era isso que eu queria
401		Estagiário mas tu pode ser professor
402	Gilberto	[na prática tu trabalhava de professor né
403	Nara	Na prática eu era primeiro ano primeiro dia de aula
404		Cinco turmas de anos finais do sexto ao nono uma
405		Turma de cada ahm:: regente do nono ano
406	Gilberto	Uhum
407	Nara	E:: salve-se... (se vira) ((risadas)) se vira aí foi
408		Assim né eu tinha dezenove anos os alunos do nono
409		Ano eram maiores que eu tinha aluno da minha idade
410		No ensino daí isso no meu estágio da faculdade eu
411		Dei aula pra aluno de ensino médio mais velhos que
412		Eu...e era algo comum comum porque eles reprovavam
413		No ensino médio sabe e eu tinha dezenove anos tinha
414		Aluno com vinte poucos no ensino médio

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nas linhas 32-34, ela fala sobre a infância, quando morava no interior e vivia da agricultura com os pais e mostra um pouco do seu trajeto em boas escolas públicas. Diferentemente de Maria, Nara teve um ambiente de cuidado com a educação e recebia incentivo, o que a aproximou muito cedo do mundo da leitura (linhas 41-46). Nas linhas 44 e 45, ela expõe um traço de sua identidade comparando o fato de ser comunicativa hoje, enquanto na sua infância ela era mais reclusa. Relembremos que, citando Goffman (1981) e Schiffrin (1996), Flannery (2015, p.35) discute como a narrativa autobiográfica “supre um ‘retrato sociolinguístico’ ou uma ‘lente linguística’ através da qual percebemos traços da identidade cultural, mas também do gênero, dos papéis sociais e das intenções locais daqueles que animam e atuam nas histórias enquanto autores ou figuras”. As escolhas linguísticas e as escolhas que ela faz sobre o que contar e como contar, revelam como ela pretende construir sua narrativa a partir do argumento de que sempre gostou da ideia de ser professora.

O que salvou o interesse de Maria e aprofundou o de Nara pelo estudo e, posteriormente, pela docência, foi a leitura. Nara descreve como era seu contato com a leitura na escola (linhas 79-83) e enfatiza o quanto gostava de livros a ponto de usar o intervalo para ler algo na biblioteca. É interessante observar essa memória como uma das que reforçaram a identidade de professora de Nara, já que nesse momento ela ajudava os colegas ensinando matérias reais e não mais de brincadeira como fazia em casa com os primos. Com isso, pode-se retomar também o ponto de vista que ela apresenta nas linhas 56 a 63 e comparar com o que ela relata na linha 79, levando em conta que “identidades não são conjunto de características que podem ser atribuídas a indivíduos ou manifestações de essências individuais, mas emergem por meio de processos semióticos nos quais as pessoas constroem imagens de si mesmas e dos outros” (De Finna, 2015, p. 351, tradução nossa<sup>8</sup>), e perceber como ela sempre se coloca no lugar de professora, tanto de forma lúdica quanto real.

No excerto acima, ela conta como iniciou o ensino superior seguindo a ideia de ser professora de Literatura que ela teve no ensino médio. Nas linhas 352 e 353, ela se avalia como “metida” no sentido de ser proativa, se

<sup>8</sup> “identities are not sets of characteristics that can be ascribed to individuals or manifestations of individual essences, but emerge through semiotic processes in which people construct images of themselves and others”.

colocando novamente como uma personagem com agência na narrativa, e conta com orgulho que conseguiu emprego na faculdade no primeiro ano. Da linha 361 à 364, ela fala sobre quando teve certeza da sua escolha: “era ali que eu queria tar (sic) era isso que eu queria”.

Essa proatividade de Nara a levou até seu primeiro emprego como “professora de verdade” em uma cidade do interior. Da linha 401 à 405, ela relata como conseguiu a vaga e quais eram suas atribuições. Da linha 407 à 414, ela fala sobre a carga de trabalho que lhe foi atribuída logo no início do trabalho e se utiliza de expressões como “se vira”, simulando um discurso reportado (Flannery, 2011), para mimetizar o que seria a voz do diretor ou da própria “entidade escola” quando se trata da organização do trabalho dos docentes. Retomando a narrativa de Maria, podemos ver a diferença dos sentimentos no início da carreira docente de ambas. Observemos como a primeira conviveu por muito tempo com insegurança e medo, enquanto a segunda veio por um caminho de entusiasmo e segurança. Essas diferenças, muito provavelmente, são reflexo de como ambas tiveram contato com o mundo das letras nas suas infâncias. Nara sempre teve incentivo e reforço positivo, o que fez com que ela tivesse essa certeza de que “nasceu” para se professora e se sentisse sempre confortável com o ambiente escolar. Já Maria relatou que nunca tivera atenção da mãe em nada que fosse relacionado à educação, por isso reprovou na primeira série e cresceu com dúvidas sobre a carreira, além de usar palavras como “medo” para explicar as sensações que tinha nos primeiros anos de escola. O que realmente aproximou a história das duas foi a *leitura*.

## 2.3 Envolvimento emocional:

Figura 6 – Envolvimento emocional de Nara

444	Nara	Era uma aluna bem:: bem simples assim também né
445		Veio de família humilde do interior e:: ela tinha
446		Dificuldade de aprendizagem... bastante bastante
447		Ela não conseguia acompanhar a turma e tal e ali
448		Eu fui:: focando nela sabe porque eu não queria
449		que ela ficasse pra trás a gente nunca quer que um
450		Aluno da gente fique pra trás então eu fui focando
451		Fui sentando com ela fui isso foi aquilo e aí a
452		Gente foi trabalhando ao decorrer do ano e:: eu me
455		Deu um salto bem grande né e:: ela me disse que ela
456		Quería ser professora... no final do ano e que
457		Quería ser como eu uma professora que nem eu pra
458		Ajudar os outros que:: ela queria ajudar os outros
459		A aprender assim como eu ajudei ela a aprender...
460		Isso marca né
461	Gilberto	Sim...
462	Nara	Porque é uma:: uma coisa assim que
463	Gilberto	[(é por isso) que tu queria ser professora né mais
464		Ou menos a mesma né...
465	Nara	[tu querer ser como aquela pessoa... é como eu vi a
466		Nara Luiza
467	Gilberto	[Sim...
468	Nara	[entende não digo que que é por e exatamente por
469		Ela mas eu queria ser como ela entende... então::
470		Alguém te dizer isso é algo:: que não tem preço
471		Não tem... te marca assim e eu acho que se:: se
472		Um dia eu for tiver oitenta não eu vou lembrar
473		Disso desse detalhe pode acontecer muita coisa
474		Ainda mas isso eu não vou esquecer... que é uma
475		Coisinha simples uma besteirinha mas que faz que
476		Te faz andar pra frente né...e vai...

Fonte: Elaborado pelos autores.

Da linha 456 à 476, Nara fala sobre o resultado positivo de seus esforços e dos da aluna. Ela usa a expressão “isso marca né” (linha 460) para mostrar o envolvimento emocional que esse episódio causou em sua vida profissional. Ela enfatiza o acontecido como algo que nunca vai esquecer (linhas 471-476). Novamente percebemos que, assim como na narrativa de Maria, o contato com os alunos pode sair da zona profissional e invadir a vida pessoal e gerar ações transformadoras, como Nara bem fala nas linhas 475 e 476: uma coisa simples uma “besteirinha” que a faz andar para frente foi algo que ficará marcado na identidade de Nara, independentemente de outras coisas acontecerem até a velhice dela (linhas 471-474).

Também é perceptível como Nara sente orgulho de ter conseguido ajudar a aluna a superar suas dificuldades e de ouvi-la dizer que também queria ser professora para ajudar os outros. Ela se identifica novamente, aqui,

comparando a vontade da aluna com a sua vontade frente ao exemplo da professora Nara Luíza, que é citada na narrativa mais uma vez (linhas 465-471). Tao e Gao (2017, apud KLERING et al, 2023, p. 24) destacam que

professores são ativos agentes de mudança; nesse sentido, a sua agência desempenha papel fundamental na sustentação do seu desenvolvimento profissional, o que os (as) orienta a permanecerem fieis a si mesmos (as) em sua carreira e alcançar a autorrealização.

Isso nos leva a perceber que Nara conseguiu a realização profissional ao se tornar um indivíduo-exemplo para outra pessoa, fato de que ela mesma toma consciência ao comparar as histórias, e toma esse episódio como algo que a move para frente e dá sentido ao seu trabalho (linha 476).

### 3. A história de Rita

Figura 7 - Indivíduo-exemplo de Rita (A)

95		Fuqunimos... o prazer de ler...
96		Eu também até um certo...ponto até uma certa idade
97		Eu não tinha prazer...mas a minha mãe que também
98		Era professora
99	Gilberto	Sim..
187		Um pouco pra ficção:: aí conforme a idade... depois
188		Pro ensino médio aí eu comecei prestar mais atenção
189		Pra área né pra parte didática de pesquisa
190	Gilberto	[(SI) tipo assim jovem assim tipo antes de pensar
191		Em fazer faculdade de co tipo assim específico
192		Interessada em pesquisa...
193	Rita	[é porque assim minha mãe estimulava você a
194		Estudar e eu chegava e falava assim mãe que que eu
221	Gilberto	[o que que criou tua imagem de professora?
222	Rita	[e a maioria diz assim né acha que eu sabia que eu
223		Ia ser uma professora não eu não sabia...
224		Depois assim meus pais também estudavam isso faz
225		A diferença é uma pena né a sociedade não é assim
226		Ta?
227	Gilberto	[é a maioria...
228	Rita	[então (SI)eu falo que eu sou a o um por cento da
229		População infelizmente né... me sinto privilegiada
230		Nesse aspecto ter uma família que:: me deu essas
231		Condições mas eu digo assim ó meu pai fez medicina
232		Minha mãe professora de língua portuguesa
233	Gilberto	[olha o ambiente...
234	Rita	[ então o ambiente fechado depois meu pai largou
235		A medicina:: olha o ah olha a liberdade de escolha
236		Ele largou:: o terceiro ou segundo semestre
237		De medicina pra fazer comércio exterior...
238	Gilberto	Uhum...
239	Rita	E aí:: eu cresci num ambiente onde nós tínhamos
240		Reuniões constantes dele com o pessoal do banco
241		E:: o pessoal falava inglês... era isso era comum
242		O meu pai estar rodeado de gente que falava outra
243		Língua... livros estudo meu pai estudava meu pai

Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 8 - Indivíduo-exemplo de Rita (B)

255	Rita	[mas eu não <u>parava</u> ... então o que tu tem... o que
256		Tu sabe tu... se torna fácil... e aí tu fazia as
257		Provas tu era as a melhor naquela né naquela
258	Gilberto	[sim já sabia daquela coisa né...
259	Rita	[disciplina porque eu tava sempre mais atualizada
260		Até do que o pessoal da própria escola e isso te
261		Cria uma motivação:: isso te cria... uma né... uma
262		é isso mesmo um upgrade pra você... quere:: mais
263	Gilberto	[(SI) fácil em fazer...
264	Rita	[ é te dá um <u>segurança</u> ...entendeu não não não
265		Não te dá essa insegurança que a grande maioria tem
266		Pra aprender uma língua estrangeira...
267	Gilberto	Sim...

Fonte: Elaborado pelos autores.

### 3.1 Indivíduo-exemplo:

Observando a terceira entrevistada, percebemos como a leitura é um ponto de convergência que une a escolha das três pela docência. Maria, depois de enfrentar diversas dificuldades, conseguiu descobrir o gosto pela leitura e pela escrita; Nara aproveitava a biblioteca e os livros de amigos para passar longos períodos de tempo lendo; Rita, por sua vez, tinha um ambiente familiar que proporcionava a livre leitura a todo momento.

Um dos motivos para o engajamento dos pais de Rita com sua educação era o fato de a mãe ser professora de língua portuguesa; por consequência, acaba se tornando o indivíduo-exemplo de Rita (linhas 97-98).

Rita conta o que a levou a pensar na profissão docente. Da linha 221-243, ela fala novamente sobre o ambiente familiar, citando o fato de a mãe, seu indivíduo-exemplo mais explícito, ser professora, e do pai, sua influência e suporte, ser um estudante ativo. Na linha 232, ela enfatiza “mãe professora” com a ideia de chamar atenção para esse detalhe. O pai era o vetor de exposição à língua estrangeira para Rita (linhas 239-243), que escolheu a língua estrangeira como início da sua carreira. Nesse sentido, seu pai também foi um exemplo para ela, já que estava em constante processo de estudo e desenvolvimento intelectual (linhas 242). Rita se coloca em uma posição de privilegiada (linhas 228-232) por ter uma família que cultivava o conhecimento, e reconhece isso como fator importante para seu desenvolvimento, o que resultou em ela estar “sempre mais atualizada, até do que o pessoal da própria escola” (linhas 259-260). A escolha da palavra “atualizada” é um elemento que



expõe um traço importante da sua identidade como professora, o que ela mostra diversas vezes durante a narrativa junto da repetição de termos como “melhor”, refletindo o seu posicionamento na narrativa como um personagem agente do próprio desenvolvimento profissional.

### 3.2 História com as letras de Rita:

Figura 9 – História de letramento de Rita

84	Rita	é...
85	Gilberto	Aquela coisa bem...
86	Rita	[eu venho de uma família
87	Gilberto	(SI)
88	Rita	Que... os um dos presentes eram livros ta?
89		Então eu falo pros meus alunos... não sabe:: ler
90		E escreve... não sabe escrever quem não sabe ler
91		Ta? Então assim é uma coisa que tem que ser
92		Cultuada... não é imosta tem que ser cultuada
107	Rita	Às vezes não faz milagre mas eu cresci dentro de
108		Uma família que um dos presentes era livro
109		Podia ganhar alguma outra coisa mas um deles era o
110		Livro então::meus pais contavam história:: fazíamos
111		Uma leitura coletiva:: as pouquinhos gradualmente
112		Até conhecer:: então isso era fazia parte do
113		Cotidiano o... é é não é estranho pra mim
114	Gilberto	Sim...
180		Curti bastante essa fase lia comprava os livros
181		E:: ahm... apreciava não era romance como algumas
182		Meninas a maioria é... né que são bem bem assim tem
183		Uma ilusão
184	Gilberto	[sim aquela coisa super romântica
185	Rita	[de sonho é... e eu não passei por essa fase de
186		Romance não... pulei bem essa fase... depois eu fui
187		Um pouco pra ficção:: aí conforme a idade... depois
188		Pro ensino médio aí eu comecei prestar mais atenção
189		Pra área né pra parte didática de pesquisa
255	Rita	[mas eu não parava... então o que tu tem... o que
256		Tu sabe tu... se torna fácil... e aí tu fazia as
257		Provas tu era as a melhor naquela né naquela
258	Gilberto	[sim já sabia daquela coisa né...
259	Rita	[disciplina porque eu tava sempre mais atualizada
260		Até do que o pessoal da própria escola e isso te
261		Cria uma motivação:: isso te cria... uma né... uma
262		é isso mesmo um upgrade pra você... quer:: mais
263	Gilberto	[(SI) fácil em fazer...
264	Rita	[é te dá um segurança...entendeu não não não
265		Não te dá essa insegurança que a grande maioria tem
266		Pra aprender uma língua estrangeira...
267	Gilberto	Sim...
268	Rita	Eu falo porque eu comecei com a língua estrangeira
269		Depois eu migrei pra língua portuguesa fui fazer o
270		Pós graduação na li língua portuguesa e no mestrado
271		Eu fui fazer ((risos))e é é... interdisciplinar
299		Mas foi assim de uma escalada um passo de cada vez
300		E eu descobrindo e o tipo de público que tu lida
301		Aperfeiçoando...professor não dá pra ser parado
302		Apesar que alguns acham que da... é uma área que
303		Você sempre tem que tá se atualizando...
304		Eu trabalhei dezoito anos em escolas particulares
305		As melhores escolas tanto de São Paulo quanto aqui

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na linha 88, Rita conta que os presentes da família eram muitas vezes livros, além disso, seus pais incentivavam a leitura e escrita desenvolvendo atividades educativas em casa (linhas 108-113). Da linha 180 à 188, ela conta sobre seu desenvolvimento na escola acompanhado pela leitura. Ela se



posiciona como alguém diferente das outras meninas que liam romance e utiliza palavras como “ilusão” e “sonho” para descrever o mundo que ela considera o dos romances adolescentes. Durante a narrativa, Rita faz uma série de avaliações externas que demonstram sua identidade e (ou) como ela quer ser vista pela audiência.

Ela fala sobre como esse ambiente de conhecimento a colocava como a “melhor” naquela área em comparação aos outros estudantes (linhas 255-266), o que criou segurança e vontade de se aprimorar mais. Podemos perceber, mais uma vez, que o fator segurança é construído a partir do cuidado e incentivo da família. Temos isso marcado nas entrevistas de Nara e Rita, enquanto na de Maria percebemos o contrário, já que os pais não a incentivavam nem davam a atenção necessária à educação da filha.

Avançando algumas linhas, chegamos a um excerto que começa depois de ela ter iniciado sua carreira como professora. Rita foi descobrindo como lidar com os alunos e seguiu se aperfeiçoando e se atualizando (linhas 300-303). Aqui ela conta sobre seu percurso em escolas particulares e usa o adjetivo “melhores” para descrevê-las.

### 3.3 Envolvimento emocional de Rita:

Figura 10 – História de letramento de Rita

49		Que eu sou a eu sou a professora mais rigorosa
50		Daqui...
51	Gilberto	Aham...
52	Rita	Eu tenho empatia aqueles que conseguem...é::
53		Se permitir:: nossa vai que é uma beleza ele se
54		Aproxima ele s sabe é:: te beija te abraça te
55		Recebe te per permite... aqueles que não sabem
56		Ouvir um não em casa... e aí a a influência da
57		Família muito muito né
58	Gilberto	Sim
59	Rita	Aí eles relutam:: é dificuldade em relacionamentos
60		De aceitar regras mas isso faz parte do ser humano
61		Né
62	Gilberto	Sim..
306		Eu sou paulista... e eu vou te dizer que eu tinha
307		Que buscar atualidade atualização
308	Gilberto	[a todo momento assim...
309	Rita	[porque eu tinha aluno que ia... assim... do nada
310		Pra nova York do nada pros Estados Unidos...
311		Se eu soubesse menos que eles que tipo de professor
312		Que eu ia ser? Eu cheguei morar um ano em nova York
313		Nenhum bairro (green vilage) lá
314	Gilberto	Uhum
573		Aí que está o interessante da EJA o da a a EJA me
574		Permite eu trabalhar os filhos que estão se
575		Alfabetizando e:: os pais que não estão não são
576		Alfabetizados...então eu trato dos filhos dos
577		Alunos e da família eu permito entrar no seio
578		Familiar e:: começar a trazê-los para este ideal
579		Que é:: eles entenderem esse mundo do estudo do
580		Letramento do receber informação é:: de você se
581		Permitir ser letrado então...
614	Rita	[e eu procuro sempre eu sempre fui uma pessoa muito
615		Agitada né
616	Gilberto	[aham
617	Rita	Então eu não sou acomodada esse é o perfil da
618		Pessoa... então eu sou agitada tenho alunos
619		Agitados e eu entendo esse lado humano olha como
620		O comportamental é importante você entender...
621		Porque o teu público é humano 'ce vai lidar com
622		Uma sociedade heterogênea ela não é hemo homogênea

Fonte: Elaborado pelos autores.

Voltando para o início da entrevista, fica evidente esse envolvimento emocional que a professora tem com os alunos por meio do contato físico (assim como na narrativa de Maria), com beijos e abraços que estreitam essa relação entre aluno e professor e quebra, em certa medida, a linha que separa a profissionalidade do pessoal (linhas 52-55). Ela fala sobre “conquistar a empatia” e “permitir” o que mostra esse grande fator humano que está ligado à profissão docente, inclusive, da linha 55 à 61, ela mostra como o professor tem de enfrentar dificuldades de relacionamento com os alunos, trazendo

fatores de fora da sala de aula, o que, muitas vezes, faz com que o professor precise atuar na educação dos alunos em temas que não são o componente curricular que trabalha, como, por exemplo, ensinar a conviver em coletivo, respeitar regras e ouvir um “não” (linhas 56-60). Esse trecho é seguido da ocorrência na linha 307, na qual ela fala sobre a necessidade de buscar atualidade para manter sua credibilidade como professora. Ela associa essa credibilidade profissional ao ato de saber mais do que os alunos (linhas 311-312) o que, em certa medida, exibe uma pressão mental enorme que Rita coloca em si mesma nessa busca.

Ao decorrer da narrativa, Rita conta sobre sua atuação na profissão e deixa emergir um exemplo da sua dedicação aos educandos. Discute sobre como ela se permite entrar no seio familiar dos alunos alfabetizando os pais na EJA e os filhos no ensino regular (linhas 573-581). Mostra esse envolvimento com a vida dos alunos para além da escola, tentando transformar o ambiente familiar deles em algo parecido com o da infância dela, trazendo-os para esse “ideal” (linha 578).

Nas linhas 614 e 615, ela se avalia como uma pessoa agitada, depois descreve seu perfil, sua identidade, como o de uma pessoa que não é acomodada e relaciona isso ao tipo de alunos que ela tem (linhas 617-620), passado seu aspecto emocional de agitação ao dos alunos, o que remete aos diversos trechos nos quais ela fala sobre estar sempre precisando se atualizar e ser melhor, já que ela estudou comportamento para se atualizar e ser melhor na sua profissão para lidar com diferentes tipos de pessoas (linhas 619-622).

### **Considerações finais**

Que tipo de escola precisam nossos alunos hoje? Que tipo de professor da área de linguagens precisamos nesses tempos pós-pandêmicos, após termos tido todos tantas faltas e tantas perdas? Como vamos formar nossos alunos para agirem num mundo cujos contornos desconhecemos? As histórias contadas por Maria, Nara e Rita nos dão algumas pistas: um bom professor impacta seus alunos, tornando-se um indivíduo-exemplo para eles. Talvez cada um de nós, que trabalha com formação de professores, devesse ter isso muito claro em sua atuação: estamos sendo responsáveis pelas novas gerações de professores e professoras.

De fato, nossa atuação profissional pode ser inspiradora para alguns indivíduos e servir-lhes de exemplo para a escolha profissional. Além disso, os dados ratificam o que parece ser senso comum: contato com livros e leitura desde muito cedo constroem vínculos sólidos com a literatura, e as trajetórias de letramento são importantes na constituição da identidade profissional do/a professor/a (não importa com quem aconteceram esses encontros ou estímulos, mas eles são peças-chave de nossa identidade profissional). O letramento que acontece nos contextos sociais em que atuamos acaba moldando a pessoa que nos tornamos.

À medida que nos apropriamos das narrativas de Maria, Nara e Rita, vamos percebendo como ser professor é um trabalho complexo, que exige de nós constante aperfeiçoamento e reflexão. É uma atividade repleta de camadas, principalmente no âmbito das relações humanas que exige do profissional muito mais do que o conhecimento isolado dos conteúdos da sua área de formação (por isso mesmo, comparada por Nóvoa (2022) a profissões de prestígio como de médico ou de engenheiro).

Estamos todos/as comprometidos/as com a construção de uma sociedade mais justa e mais igualitária, o que, necessariamente, passa por uma escola de qualidade e por uma formação de professores de qualidade. Em tempos em que se discute o futuro das escolas (até há quem pense que elas possam não ser mais necessárias), temos a convicção de que elas são o espaço de aprendizagem e de socialização por excelência, e, por essa razão, concordamos com Nóvoa (2022) quando diz que precisamos protegê-las para que continuemos, como seres humanos, educando uns aos outros, servindo de exemplo uns aos outros, preocupando-nos uns com os outros, construindo conhecimento uns com os outros. E, acima de tudo, escolas precisam ser valorizadas, porque “são espaços imprescindíveis para a formação das novas gerações e nada substitui o trabalho de um bom professor, de uma boa professora, na capacidade de juntar o saber e o sentir, o conhecimento e as emoções, a cultura e as histórias pessoais” (Nóvoa, 2022, p. 6). Essa é a escola que precisamos e da qual nunca poderemos abrir mão!

Fazemos nossas as palavras de Clare (2017, p. 41) quando afirma que “A sala de aula é, fundamentalmente, um espaço onde aspirações e sonhos devem ser desenvolvidos, encorajados e cultivados”. Maria, Nara e Rita, nos convidam a isso!

## Referências

- BAMBERG, Michel. *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas, SP. Mercado das letras. 2002.
- CLARE, A. The power of video. In: Donaghy, K.; Xerri, D. *The image in English language teaching*. ELT Council: Malta, 2017, p. 33-42.
- DE FINA, A. (2015). Narrative and Identities. In: DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. *The Handbook of Narrative Analysis*. Oxford: Wiley Blackwell, p.361-368.
- FLANNERY, Mércia. *Uma Introdução à Análise Linguística da Narrativa Oral. Abordagens e Modelos*. Pontes, 2015.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017
- IVANIČ, Roz, *Writing and Identity: the discorsal construction of identity in academic writing*. John Benjamins Publishing, 1998
- KERSCH, D. F. Por uma formação continuada construída junto com o professor. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; CARNIN, Anderson (org.). *Formação continuada de professores de língua portuguesa: a importância do coletivo para a ressignificação do trabalho de ensinar*. Araraquara: Letraria, 2020. Disponível em: <https://www.letraria.net/wp-content/uploads/2020/12/Formacao-continuada-de-professores-de-lingua-portuguesa-a-importancia-do-coletivo-para-a-ressignificacao-do-trabalho-de-ensinar-Letraria.pdf>, acesso em 30.08.2023
- KERSCH, D. F.; LESLEY, M. Hosting and healing: A framework for critical media literacy pedagogy. *Journal of Media Literacy Education*, V. 11, p. 37-48, 2019.
- KLEIMAN, A. B. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 1-25, dez. 2007
- \_\_\_\_\_. Letramento na contemporaneidade. *Bakhtiniana*, v. 9, n. 2, p. 72-91, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Campinas: CEFIEL/UNICAMP, 2005.
- KLERING. Emily Haubert. TRARBACH. Mariana Vargas. KERSCH. Dorotea Frank. Frustrante e animador”: identidade, pensamento computacional e o professor na formação continuada. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n(62.1): 1-15, jan./abr. 2023 Disponível

<https://doi.org/10.1590/01031813v62120238664283>. Acesso em: 19 de set. 2024.

- LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience. *The Journal of Narrative and Life History*, v. 7, n. 1-4, p. 3-38, 1967 NEW LONDON GROUP. *A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures*. Haymarket, N.S.W. Centre for Workplace Communication and Culture. 1997.
- NÓVOA, Antônio. *Escolas e professores, proteger, transformar, valorizar*. SEC/IAT, 2022.
- SCHIFRIN, Deborah. Narrative as self-portrait: sociolinguistic constructions of identity. *Language in Society* Vol. 25, No. 2 , 1996, pp. 167-203
- TEMÓTEO. *Os letramentos do professor: articulações que se constroem entre a formação e a ação docente*. Tese (Doutorado em Letras) – Unidade acadêmica de pesquisa e pós-graduação programa de pós-graduação em linguística aplicada - Instituto de Letras, Universidade do vale do rio dos sinos (UNISINOS), São Leopoldo , RS, 2019.
- WENGER, Etienne. *Comunidades de prática: aprendizaje, significado e identidad*. Barcelona: Paidós, 2001.

**ABSTRACT:** People still become language teachers in the performance society (Han, 2017), which has often proven to be hostile to the profession. This research is qualitative and interpretative, and through the analysis of previously recorded and transcribed semi-structured narrative interviews, it aims to understand and describe the motivations and paths that led the research participants to choose a career as a language teacher, seeking to comprehend their literacy trajectories and the autobiographical narratives that emerged in the interviews. The three teachers participated, in 2022, in a training program entitled “Multiliteracies and Digital Technologies in the Classroom.” Regarding the narratives, we rely on the works of Flannery (2015), Labov; Waletzky (1967); regarding teacher development, on Kleiman (2005, 2014), and Kersch (2020); and on works about identity and teacher identity by De Fina (2015) and Klering, Trarbach, and Kersch (2023), respectively. Analyzing the narratives of the three teachers, certain patterns were observed in their stories, namely, the individual-as-example, the relationship with the field of Language Teaching, and the emotional involvement with students. The results reveal the complexity of the educational world and its human nature, which is intrinsically linked to the performance of both sides, educator and learner, contributing to the argument that advocates for a dialogic and humanized education that frees students and teachers from the mechanical roles perpetuated in Western educational culture.

**KEYWORDS:** Teacher literacy, Narratives, Identity, Autobiography.